

Conferência dos Bispos Católicos da Nova Zelândia

## **Declaração sobre os problemas ambientais**

1 Setembro 2006

*Os desertos exteriores no mundo estão a aumentar porque os desertos interiores se tornaram tão vastos. Por consequência, os tesouros da Terra já não servem para construir o jardim de Deus para todos viverem, mas foram postos ao serviço de poderes de exploração e destruição.*

Papa Bento XVI, Homilia da Missa Inaugural, 2005

O que significa o mandamento “Não matarás” quando 20 por cento da população mundial consome recursos a um ritmo que rouba às nações mais pobres e às gerações futuras o que precisam para sobreviver?

O que significa respeitar a vida quando morrem 30 mil pessoas por dia devido a pobreza?

O que significa sermos guardiões da terra quando quase metade de todas as espécies vivas estarão previsivelmente extintas nos próximos 200 anos?

A ciência e a tecnologia trouxeram muitas bênçãos à existência humana. Nos últimos 50 anos, essas bênçãos incluíram uma maior capacidade de satisfazer necessidades básicas das pessoas. Mas os benefícios destes avanços distribuíram-se de forma injusta, frequentemente com efeito adverso para as populações mais vulneráveis do mundo. A existência de pobreza extrema e a destruição ambiental no nosso mundo não são causas naturais, nem acções de Deus, mas resultado de comportamentos humanos. Esses comportamentos orientam-se por valores, prioridades e decisões que não consideram a vida humana uma preocupação da maior importância.

O nosso mundo enfrenta uma crise ecológica, que podia igualmente ser chamada “crise económica”, ou “crise de pobreza”. A sua face visível é o sofrimento dos pobres e a degradação do meio ambiente, num tempo em que, mais do que nunca, a nossa atenção se centra na acumulação de riqueza e de bens materiais. É por isso que a consideramos primeiramente um crise espiritual ou moral.

Os especialistas do clima avisam-nos de que as decisões desta geração para os próximos 20 anos terão impacto no futuro da humanidade. Para os povos do Pacífico, as alterações climáticas já se contam entre as ameaças mais urgentes que eles enfrentam. Temperaturas a aumentar e níveis do mar a subir, assim como a maior intensidade de tempestades e catástrofes naturais, já estão a afectar os recursos alimentares e de água das populações de ilhas de baixa altitude em diversas zonas do Pacífico.

Muito antes de estas ilhas submergirem no mar, a vida em muitas ilhas do Pacífico tornar-se-á insustentável. Prevê-se que, só no Pacífico, possa vir a haver um milhão de refugiados ambientais antes do fim do século.

Como noutras regiões do mundo, aqueles que mais sofrerão as consequências das alterações climáticas são os que menos contribuíram para elas. Pessoas que podemos

nunca conhecer, assim como as que ainda não nasceram, beneficiarão ou sofrerão em consequência das decisões que tomarmos e concretizarmos na Nova Zelândia e no resto do mundo desenvolvido.

Como disse o papa Bento XVI na sua homilia inaugural: “Os desertos exteriores estão a crescer porque os desertos interiores se tornaram tão vastos.” Proteger o meio ambiente implica moderar os nossos desejos de consumo e de ter mais, os quais criam estilos de vida que causam a morte a milhões de outras pessoas. O consumismo, as alterações climáticas globais e o sofrimento no mundo em desenvolvimento estão inextricavelmente ligados.

Ao nível pessoal, o sofrimento de outros e os danos ao nosso planeta exigem que olhemos com mais atenção para o nosso próprio estilo de vida. Os actos de egoísmo individuais podem criar uma sociedade caracterizada mais pelo desejo de lucro a curto prazo e gratificação imediata do que por necessidades de longo prazo e uma visão mais ampla. Em resposta, são necessários actos de altruísmo tanto individuais como colectivos – de auto-sacrifício por um bem maior, de renúncia pessoal perante opções vantajosas, de escolha de estilos de vida mais simples no seio de uma sociedade de consumo. Isto não significa abandonar os avanços científicos e tecnológicos que nos proporcionaram tão grandes benefícios. Significa, sim, utilizá-los com inteligência, de modo sensato, que reflecta uma solidariedade verdadeira com todos os povos da Terra.

Em última análise, este é um problema global que requer verdadeiras soluções globais. Mas católicos individuais, paróquias, escolas católicas, comunidades religiosas e organizações eclesiais podem dar um contributo importante ao fazerem escolhas diferentes, tais como consumir menos electricidade ou comprar bens produzidos localmente, os quais requerem menos transporte. O mundo tem de reduzir as emissões de carbono em 80 por cento, e algumas famílias da Nova Zelândia conseguirão alcançar isso de um dia para o outro mudando simplesmente o tipo de carro que conduzem. Evitar desperdício de água e excesso de embalamento são dois passos simples que podem ser influenciados pelos indivíduos e pelas famílias.

Mas os membros vulneráveis da nossa sociedade – como sejam os idosos – já sofreram anteriormente durante crises energéticas não satisfazendo necessidades como aquecimento e luz, e temos de trabalhar para garantir que os custos de quaisquer mudanças dos nossos estilos de vida são suportados por aqueles que melhor os podem pagar.

A nossa fé e a nossa tradição religiosa têm muito a oferecer ao mundo nesta altura, incluindo a importância da simplicidade e de aprender a renunciar a alguma coisa que desejamos, para que outros possam ter o que precisam. O nosso entendimento de que somos guardiões da criação de Deus, a nossa solidariedade para com os pobres, e o nosso respeito pelo bem comum tornam a questão da justiça ambiental responsabilidade de cada pessoa.

Fonte: <https://www.catholic.org.nz/about-us/bishops-statements/statement-on-environmental-issues/>